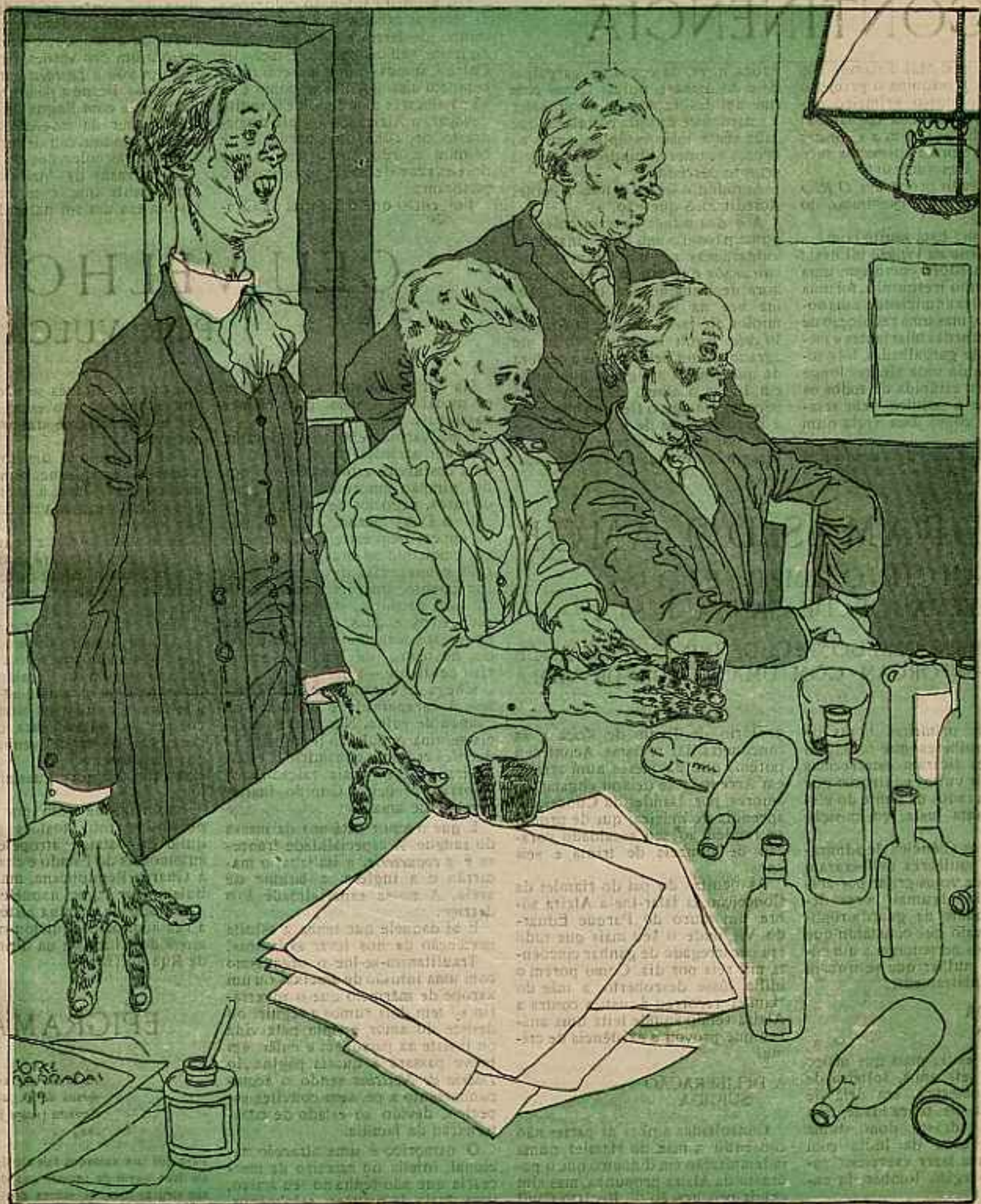


LISBOA
30-AGOSTO-1919
ANO I-N.º 2

O RISO D'A VITÓRIA

DIRECTORES
JORGE BARRADAS
HENRIQUE ROLDÃO

LUTA SOCIAL



—Camaradas! O Soviet Z-32 decreta que a água seja considerada luxo burguês!

O RISO D'A VITÓRIA

QUINZENÁRIO HUMORÍSTICO

COMPOSIÇÃO: TRAVESSA DO CORPO SANTO, 9
IMPRESSÃO: RUA DO CORPO SANTO, 46

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
CAIS DO SODRÉ, 52
PROPRIEDADE DE «A VITÓRIA» LIMITADA

ANÚNCIOS: CONTRACTO ESPECIAL
TEL.-C: REDACÇÃO 5104 ADMINISTRAÇÃO: 5103

MARCHA EM CONTINÊNCIA

Pois senhores! Mal diríamos nós ao ver sair da máquina o primeiro exemplar do nosso primeiro número, que a coisa seria tão falada!

Quatro edições! Nem a *Cela dos Cardeais* do Senhor Inspector teve tanta saída! Um sucesso!

Tudo lia, tudo procurava *O Riso* e até um sujeito de cachimbo, no Chiado, dizia:

— Está bom! Está muito bom!

É que *O Riso da Vitória* foi nesta quadra abraçadora como que uma limonada muito fresquinha, foi uma espécie de salsa anunciando uma nova revolução, mas uma revolução de riso, com grandes hilaridades e metralhadoras de gargalhadas, foi o toque a rebate da vida alegre, longe da cavaqueira estúpida de todos os dias, em que a política vem sempre à baila como uma viola num enterro!

Foi o toque de alvorada duma

época nova, da época da gargalhada e do dichote, únicas armas com que um desgraçado pode combater a safardanice da vida cotidiana, que cada vés é mais estúpida, entre os preços sempre subindo e a miséria sempre descendo.

Agradou o jornal a toda a gente? Acreditamos que não.

Aos que nunca fizeram coisa alguma passou como uma banalidade vulgar, mas aos que fazem alguma coisa, aos que sabem o peso duma hora de trabalho, aos que já alguma vez na vida espremeram os miolos até fazer sangue, *O Riso da Vitória* levou qualquer coisa de agrado, levou pelo menos a certeza de que ainda há alguém que cuida em livrar o alheio desta mordaca peçonhenta que o Destino nos atou à boca num dia de mau-humor e a que, por *slague* certamente, leve a bizarra lembrança de chamar vida.

OS DRAMAS DO AMOR SUICÍDIO EM DUETO NO ELEVADOR DE SANTA JUSTA

UM IMBERBE E UMA DONZELA DE TRINTA E SEIS ANOS
QUE SE ENFORCAM COM UMA CORDA DE VIOLA

Ontem, às primeiras horas da manhã as mulheres que passavam para a Praça ficaram estarecidas diante de dois vultos equívocos que jaziam pendurados na ponte do elevador de Santa Justa, em posição duvidosa.

Após alguns silêncios de admiração, as ditas mulheres deliberaram por maioria de votos gritar por apitos, acudindo algumas horas depois um piquete da guarda republicana a cavallo que constatou que os dois vultos pertenciam a um homem e uma mulher que se tinham enforcado sinistramente.

ORIGENS DA TRAGÉDIA

Alzira de Jesus, mais que maior de trinta e seis anos, solteira de nascença, doméstica, era órfã de pai e mãe desde tenra idade, mas possuía um padrasto, dono duma bengala de cana da Índia com que costumava fazer exercícios patrióticos na região lombar da entrada.

Era a Alzira afeita a leituras românticas sabendo de cor todo o re-

portório de Paulo de Kock e as cançonetas das revistas. Aconteceu porém, que há meses num arruall em Arrentela se deixou engatar de amores por Hamlet da Conceição, aprendiz de música, que de pronto se rendeu ao seu escaldado coração de donzela de trinta e seis anos.

As ocultas do pai do Hamlet da Conceição fa falar-lhe a Alzira sobre um muro do Parque Eduardo VII onde o seu mais que tudo era encarregado de ganhar cinquenta mil réis por dia. Como porém o idílio fôsse descoberto, a mãe do Hamlet recorreu à justiça contra a Alzira sendo áquêle feita uma análise que provou a existência de crime.

A DELIBERAÇÃO SUICIDA

Consultadas ambas as partes não consentiu a mãe do Hamlet numa indemnização em dinheiro que o padrasto da Alzira propunha, mas sim exigir procuração do Registo Civil pela qual a donzela se responsabilisasse pelo futuro do imberbe, não

cedendo o padrasto da Alzira a tal pedido, pelo que os dois se resolveram suicidar provisoriamente.

Foi primeira intenção collocarem os dois as cabeças nos rails do caminho de ferro, e para isso se dirigiram ambos para a estação de Entre-Campos—onde esperaram o comboio das 9.45; mas como este só passou três dias depois e ia muito devagar, a Alzira foi à viola do padrasto, tirou-lhe uma corda, e de comum acôrdo foram para o alto do elevador de Santa Justa gosar o panorama.

Foi então que o Hamlet da Con-

ceição se lembrou da passagem para o outro mundo por meio de enforcamento e acto continuo passou uma das pontas da corda da viola ao pescoço da sedutora, a outra enrodiou-a ao seu, e prendendo o meio a um dos varões, fizeram ambos um vôo á *Leitard* para fóra do parapeito ficando pendurados verticalmente com língua de palmo.

Ao saber da tragédia a mãe do infeliz enlouqueceu de repente com a manja das colecções de selos.

O padrasto da Alzira confessou cinicamente que a corda roubada à viola era um sol natural.

CÉU VELHO POR VULCANO

Na última quinzena registaram os jornais de Lisboa, dois crimes passionais.

Uma varina retalhada à navalha por um saricóle da Madragôa e uma costureira estoirada a tiro por um pimpão amorudo. Em ambos os casos, negócios de amor.

É o Deus eterno. Para ele, não há épocas nem estações. No inverno, enquanto as chuvas alagam as ruas esburacadas da cidade, e no Parlamento, uma irrequieta multidão de patriotas, dá assunto aos revisteiros e duas colunas de má prosa aos jornais noticiosos Cupido, no teatro, de binóculo e sorriso petulante,—ama.

Chega o Verão. O calor incitamos à carapinhada e o hábito ao chapéu de palha. Nas termas, mescla-se uma população fluctuante de doentes crónicos e mandriões endinheirados. E na praia, calça branca e sorriso bregeiro, Cupido, inalteavelmente ama.

É que o amor está-nos na massa do sangue. A especialidade francesa é a *coqueterie*, a italiana, o macarrão e a inglesa, a farinha de aveia. A nossa especialidade é o derriço.

E aí daquele que tenha a estulta pretensão de nos levar as lampas!

Traulitana-se-lhe o organismo com uma infusão de ameixas ou um xarope de marmelo que o adversário só tem dois rumos a seguir: ou desiste do amor e opta pela vida ou insiste na paixãoeta e então, em breve passará à quarta página do *Diário de Notícias* sendo o acompanhamento a pé, sem convites especiais, devido ao estado de consternação da família.

O namorico é uma atracção nacional. Infeliz do caixeiro de mercaria que não tenha no seu activo, uma dúzia de paixões, pelo menos. Teria o desprezo dos próprios marcanos da loja.

E que a Dulcinêa se não esquece que os tempos não estão p'ra graças e o revolver é um argumento decisivo!

Donzela que um apaixonado moderno catrapisque, tem dois caminhos a escolher: a porta do Registo Civil ou uma vala do Alto de São João.

Se a solução fór a primeira, no fim de sete anos terá oito netizes, e a não ser o calote da tenda e os buracos das meias tudo correrá bem.

Mas se a solução fór a última, e a heroína resistir às bajoujices do seu Alcibiades, um revolver fumegará, e o bom do Esculápio nessa noite terá de ir contar as pestanas à vítima e inquirir os sinais particulares da bisavó para que a reportagem do crime venha o mais completa possível.

A tudo um portuguezinho se sujeita.

Impinjam-lhe gato por lebre e peçam-lhe oito tostões por um quilo de batatas, atropem-no os automóveis do Estado e chanfalhem-o a Guarda Republicana, mas não lhe bulam, por favor, naquele coração dessorado de menina histórica que a sua audácia conquistou na última *sotrie* do Club, ou na última tarde da Rua do Ouro.

EPIGRAMA

Ao tentar ler um livro de versos do sr. João Maria Ferreira (vulgo poeta Sevilha.)

Para que tais vaidades, tais alardes?
Os teus livros de versos—que desgraça!—
são virgens como os sabres dos covardes,
ninguém entra com elles, nem a... traça!

BOCAGE II.

O RISO DA VITÓRIA ESCAVAÇÕES HISTÓRICAS

POR

LEÃO-CAVALO

Reprodução fiel do Capítulo dum romance de Ponson du Terrail e d'algumas gravuras entaladas no texto

Em 23 de janeiro de 1886, quem passasse à meia noite pela estrada que conduz de Neully a Paris, devia fatalmente cruzar-se com um cavaleiro embuçado (pag. 3) — *(Na gravura vê-se um quadrilópede que parece o boi-cavalo que habita no Jardim Zoológico de Lisboa.)*

A mãe do Conde, a Marquesa de La Brochet, vivia no seu Castelo du Fromage, situado entre a velha abadia de Croix de La Pedre e a quinta de la Formigue.

Foi nessa quinta, no reinado de Napoleão de La Victoire, que Madame Sévigné, foi atada a uma nora e obrigada pela própria sogra a dar 220 voltas e 10 ampères, em menos tempo que o Diabo esfrega um olho (pag. 12) — *(A gravura representa o Diabo a entregar o olho da Providência.)*

O cavaleiro para se defender do frio que lhe cortava as faces, bebia de vez em quando um golo do célebre licor Romanini, à venda em todos os bons restaurantes e cafés.

A estrada parecia não ter fim. A viagem já durava 182 horas 47 minutos e 3 segundos, conforme o formoso cavaleiro constatou no seu belo relógio "Longines" (Grand Prix) que lhe fora oferecido pelo grande Luiz XIV, numa tarde de touros na Place du Champ Saint-Anne! (pag. 35) — *(Na gravura vê-se o retrato do Relógio, cliché da fotografia Vasques, retocado a pastel.)*

Para distrair aquela monotonia o audaz cavaleiro ia cantarolando a Rosa enxota o Pinto.

Davam três horas da manhã quando o Conde estacou junto a uma porta baixa com o número 10.601. Era a casa da sua amante a famosa duquesa de Boulogne sur Mer.

O conde amarrou o cavalo à argola da porta, sacudiu-se da poeira e entrou pelo salão.

(Continua.)

POSTA-RESTANTE

AZAS. — O cavalheiro não vaa com a facilidade que julga. E' grande e alem de grande, não tem graça e alem de ser grande e não ter graça... não serve.

LAMBISGOIA. — Muito obrigado e ás ordens.

CIPRESTE. — Porque não vai o amigo para o cemitério?

A FARÇA. — Recebemos este jornal de beneficência de que é director o nosso amigo Silvestre Rodrigues. Muito obrigado.

RESURREIÇÃO. — Recebemos este mensário, que muito agradecemos. No próximo número falaremos mais de espaço.

APRESENTAR, ARMAS!

NO MESMO ESTILO...

Por F. M. S. C. A.



TEOFILO BRAGA

Numa canção dum povo há a maior epopeia duma raça (1).

(1) *Raça*. Epíteto qualificativo amplo. Sousa Viterbo diz que os vezigodos eram de *md raça*. (Panorama, ano III, 2º volume, 3º trimestre). Nas terras do Minho em Barcelos (Barcelos, vila de grande importância judicial, sede do distrito correspondente, tem misericórdia instituída por D. Diniz em 1310 (Anuário Comercial para 1918, décimo ano de existência, folhas 124, 2º volume) é flagrante dizer-se *Falano é de boa raça* (Frei José dos Corações, *Enxertos místicos seguidos da Oração do concato para dedicado ao meu digno fidalgo D. Lopo Ruy de Noronha Lencastre Margaride da casa das Manteigas, terra na base da Serra da Estrela, conhecida por nela ter brincado em pequeno o sr. Bernardino Machado, propagandista da República. Falou em 1902 da Arruda dos Vinhos e disse: Meus senhores e minhas senhoras os meus como vós — regressou a Lisboa no comboio das nove e cinquenta (Guia dos Caminhos de Ferro do Norte para 1903, páginas 52 e seguintes).*

E' também atribuída a palavra *Raça* aos cães (Dicionário de Caninos, Instituto Bacteriológico do Campo de Santana, largo onde morreram os mártires da Pátria ás 8 da manhã, por enforcamento, ás ordens de Belford, inglês de Liverpool cidade do domínio da Grã-Bretanha, ilha no Oceano Atlântico perto da França, pátria de Napoleão Bonaparte que ordenou a invasão de Portugal em 1802 (Oliveira Martins, História, 1.ª época, volume II, páginas 325 verso) lunot foi o comandante invasor, comandou 10.000 homens, deu grande brilho ao teatro de S. Carlos onde se apaixonou por uma bailarina Golsini natural de Veneza cidade da Itália (Atlas Universal, segundo emissário). A *raça de cães* que se conhece como melhor é a *Terra Nova*, ilha onde se pesca o bacalhau (Museu Bocage, Escola Politécnica, antigo colégio dos Nobres, nela estudou Bocage, poeta frequentador do Nicolá, lavaleiro do Rocio onde se jogava a vermelhinha, batota de cartas), os quais cães servem para fazer extracã. (Catálogo dos Armazens do Chiado, rua do Carmo, rua Garrett e rua Nova do Almada).

E assim por diante até chegar ao fim das quinhentas páginas.

A nossa *Madinette!*
Não tem a figura delicada das caixeirinhas de modista que nos *boulevards* de Paris sorriem gaitas para quem lhes admira o andar leve. Não!

Mas em compensação tanto serve para levar uma caixa de chapéus como uma mobília a pau e corda!

Não usa meias de seda mas também não as usa de algodão, porque não usa nenhuma!

Não calça sapatos de verniz com saltos á Luis tantos de tal, mas em caso de necessidade encaixa dentro de uma bota um piano de cada com diploma do Conservatório e tudo!

Qual de nós, habitantes de Lisboa não tem esperado ansioso pelo galego que nos traga o impermeável, a carta dizendo se pudemos subir, o dinheiro pedido emprestado?

E depois, onde tem as caixas

CERTOS FILHOS D'ALGO...

TEMA VELHO
Por Marcial

Há certa gente — pois há! —
Que tem a estultícia vã
De falar só no papá,
Sempre olvidando a mamá...



francesas esta robustez do nosso galego, capaz de uma mudança para um quinto andar e de exgotar um chafariz a barris?

As francesinhas ao cabo de três meses de trabalho, é sabido, uma história de amor, uma tosse renitente... O galego? Quem viu já um galego doente? Quem lhe soube de alguma história de amor que não fôsse englobada na palavra *frete!*?

A nossa *Madinette!*
Mas é muito superior á francesa em tudo!

A de Paris com o seu *Cotty e Gélés-freres* não consegue que lhe aspiremos o perfume senão estando ao pé dela.

A nossa não! Apesar de usar apenas o perfume natural, tem-no tão activo que apontando o nariz pela Praça dos Restauradores sabemos ao certo se no Largo de S. Roque estão ou não galegos!

MUITO OBRIGADO

A todos os camaradas, amigos, conhecidos e admiradores, testemunha agradecido o Riso da Vitória as palavras com que o receberam e o acolhimento que lhe dispensaram.

Um disparate:
Um preto lavar-se.



((No Parque Eduardo VII há uma



Tirando á sorte para ver a quem calha a enxada

CARTA DA RUSSIA

(DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL)

ANTES E DEPOIS — A CAMINHO DE CRACÓVIA
— O PARAÍSO BOLCHEVIK — EXEMPLOS A SEGUIR
— O NOVO CALENDÁRIO

PETROGRADO, 5.

Há cento e sete anos que não vinha á Rússia! Estive aqui em 1812 com o camarada Napoleão Bonaparte para assistirmos ao grande incêndio de Moscovo.

Tinha eu então oito anos; era bombeiro voluntário e correspondente do falecido semanário *O Pêra Assada*.

Lembro-me ainda, como se fosse ontem, de ter visto o gelo a arder.

Notável coincidência: daí a um século e tal, ardia a Brasileira. Dizem que foi por sugestão.

Mas, voltando á Rússia fria, apesar da grande precipitação com que

retirámos, pude, então colher nos vários aspectos daquêl grande-pequeno povo uma agradável impressão; naquêla atmosfera de carapinhada pairava um não sei quê de misterioso e profético, como que a sombra do destino apontando ao homem slavo o caminho da glória e gritando-lhe silencioso: Para a estrada russo! para a estrada!

Tempos volvidos, eis-me de novo seu hospede e, confesso, não foi sem um vago receio que transpuz o Cracóvia, ao saber que três jornalistas das Canárias tinham sido condenados a pena permanente e que a desordem interna era tal que

a Conferência da Paz, ao pé d'ela podia considerar-se uma simples briga de garotos da rua.

Cheguei mesmo a confessar as minhas apreensões a um grupo de capitalistas que mendigavam nas fronteiras; vi que me olharam com surpresa e alguns desataram a rir como tchecos a quem fizessem cócegas nos slovacos.

Efetivamente esperava-me uma surpresa tão grande que nem a posso mandar toda por êste correio. A Rússia, essa caluniada Rússia do bolchevismo e da desordem, da pilhagem e do soviet, existe apenas na torpe imaginação dos seus destrutores que se empenharam em desacreditá-la aos olhos das outras nações com vezes mais atrasadas e catorze vezes menos liberais! A Rússia, daqui o proclamo ao mundo é hoje a verdadeira sucursal do Paraíso, justificando assim o gesto dos povos vizinhos que, á nossa passagem, depois da clássica pancadinha no queixo, nos perguntam piscando o olho: — vais ao Eden?

e se ficam saudosos como Adão depois de lhe terem proibido a *réprise* da maçã.

Dou-lhes, meus amigos, um intervalo de cincoenta minutos para se retazerem do assombro e em seguida entremos na verdadeira reportagem descritiva.

Depois duma travessia em que o próprio termómetro batia o queixo com frio, apeámo-nos na estação de Basófia, que, como sabem, fica a vinte e cinco centímetros de Petrogrado.

Tomam-nos as malas uns sujeitos graves, de óculos e barbas. São antigos lentes de medicina da universidade Kazan que agora fazem fretes. O mais velho, contemplando um bahu rebentado por ter caído do vagon, diagnostica rapidamente: — Rutura do abdómen. Saem-lhe os intestinos. Não tem febre. Prognóstico reservado. É urgente intervir. — E num abrir e fechar de olhos êle e mais três, operam-no de laparotómia e levam-no a páu e

enxada para cinco homens!))

(DOS JORNAIS)



... saiu o zero ...

corda para o hotel. Verdadeiros galegos de esquina! Fiquei banzado! E entregamos nós isto em Portugal a reles cidadãos de Tuy! Eles, que nos fracturam as tibias ás cadeiras e nos põem os móveis em estado comatoso!

Subimos para um trenó puxado por um bacharel em letras e pudemos assim constatar as vantagens da tracção literária, absolutamente desconhecida ao nosso país e muito superior á animal ou mesmo á eléctrica apesar de ser uma energia e peras... Uma corrida dois rublos.

E' quanto entre nós um advogado leva por uma simples consulta. Vão vendo.

Quando recomendei a minha bagagem ao porteiro do hotel — antigo diplomata que fala cincoenta e quatro linguas vivas, três mortas e oito moribundas este respondeu-me em sanscrito com um sorriso tranquilizador: — Esteja descansado; já não há ladrões, estão todos ricos. Com a gente honrada

é que é preciso ter cautela; mas há tão pouca...

Não há ladrões! Eu até tenho vergonha de dizer de onde sou. Dei um nome suposto e disse que era preto.

Dou uma volta pelas ruas principais. Um encanto! Ouve-se a cada passo este diálogo:

— O' camarada fulanoff, emprestas-me a tua mulher para ir tirar o retrato?

— Peço desculpa, mas... esta emprestou-ma ali o Ciceranoff para ir ao animatógrafo, mas está acolá a do Manel Carapinteiro, que também é muito azeada; ou então a minha, vê lá...

E não há a menor questão. Nós então aí é o que se sabe: namoro, gargarejo, cartas, pedido casamento... Sempre sômps muito estupidos!

Esta noite vou dizer á mulher do sapateiro que me vá tirar medida para umas botas. Quero experimen-

tar pessoalmente o tão falado coiro da Rússia.

A auctoridade é a última palavra do modernismo. Ha a *Ausência do Corpo de Policia*, que é uma instituição modelar. Toda éla é em espirito. Presume-se que a cada esquina está um guarda e pôde morrer-se descansado. Nisso é que nós estamos um nadinha a par d'elles; não é estar a presumir, mas estamos.

Na repartição dos passaportes ficamos encantados. Que rapidez com que somos atendidos!

O empregado, nem se levanta da cama, pega no documento faz-lhe uma cruz a lapis e estamos despachados. Entre nós é o que se sabe: vistos, assinaturas, registos em livros... Cá é um ar! A razão explica-se: O pessoal das repartições não sabe ler nem escrever; daí a cruzinha elucidativa.

Uma ideia para arrumar os revolucionários sem trabalho, eriar o ministério de *Cruzes Canhoto*, visto

que o das Subsistências já foi para o maneta.

Outra surpresa: senti-me ontem um tanto embaraçado quando Bela-Kun (um augustíssimo camaradão, é o que se chama uma Bela-pessoa-Kun) me perguntou se me demorava ainda muitos *Eduardos*. Era a primeira vez que ouvia aquela palavra para mim completamente desconhecida não só no idioma russo mas nos seus quarenta e cinco dialetos. *Eduardos*?! Que diabo será? O Maximó Gorki é que me explicou: E' um novo calendário, que divide o ano em doze sórnas (mezes) e cada um destes em trinta *eduardos*. Chamam *eduardos* aos dias. Trabalham durante seis e folgam um. Tal qual como os nossos operários, descansam no *Eduardo sétimo*. A coisa vai!

Amanhã vou entrevistar Lenine. E' dia de festa; fuzilam-se trezentos burguezes e á noite há fogo posto, á que aqui chamam fogo de bolchevistas.

JOÃO BASTOS.

O CASAMENTO DA D. AURORA LOPES

OU

FIA-TE NA VIRGEM E NÃO CORRAS VERÁS O TRAMBULHÃO QUE LEVAS

ONDE SE FALA DA MANEIRA DE CASAR RICA E DE MUITAS OUTRAS COISAS QUE É CONVENIENTE TER BEM PRESENTE PARA USO PRÓPRIO

— Fala agora o Policarpo!
— O Policarpo! o Policarpo!
Dois arrótos. Arrastar ruidoso de cadeiras.
Tombo fraudulento de um copo de vinho do Porto. E o Policarpo, o Policarpo do Sindicato começou:
— Companheiros e companheiras:

Fôra um golpe de mestre aquêlo do senhor Lopes ex-terceiro oficial zeloso e respeitador do Ministério das Finanças e actual proletário federado na U. dos O. C. (União dos Operários Capitalistas).

Casár a filha com o Augusto da Fundação!

Um rapaz de futuro! Com vinte e seis anos e já aprendiz! Que talento de rapaz! Como êle já conseguia ser presidente da Assembleia Geral, não ir á officina 6 vezes por semana e ganhar uns trezentos e cinco mil reis por dia afora as horas extraordinárias que o patrão era obrigado a pagar-lhe ao dobro, só para descansar das outras em que não fazia nada!

Fôra um achado!
A filha a D. Aurora, como agora lhe chamavam desde que o pai era o sócio 13:970035 do Sindicato e se metêra a dar seryentia a pedreiro trabalhando duas horas por dia, a filha, diziamos, ao princípio não ia muito na ideia do Augusto da Fundação. Para ela o ideal era um rapaz que morava em frente, empregado num escritório que abria ás nove e fechava ás seis. Mas o pai, o Senhor Lopes afirmou-lhe que o verdadeiro ideal é o *Soviet*, que os empregados de escritório eram uns malandros, uns burgueses que apenas ganhavam 36 mil reis por mês. E com esta e mais com a garantia de habitar um prédio nas Avenidas novas logo que rebentasse a revolução, porque o Augusto não era amarelo, a D. Aurora cedeu com restricções, as quaes consistiam em ir falar á noite com o empregado do escritório, no patamar da escada.

A D. Clementina quando soube da escolha para a filha deitou logo a uma grandola de regozijos e abundando nas ideias do marido afirmou as suas opiniões socialistas aumentando doze vintens no ordenado das criadas para daí a três meses.

Era a apoteose da nova vida que o Senhor Lopes numa tarde principiára no Terreiro do Paço aos gritos de "Abaixo o Capital!"

E que mudança! Logo ao fim da primeira semana, o ex-funcionário público ao chegar do trabalho despiu a blusa pintalgada de cal, ves-

tia o frack, acendia o charuto e êle aí ia para a Associação, discutir as tabelas do aumento, votando sempre pelos zêros á esquerda, clamando que a classe operária morria de fome que era preciso virar os burgueses do avesso.

E certo que já duma vez viera esbaforido esconder-se atraz dos «maples» da sala com medo da policia, era facto que um dia se metêra debaixo da cama quando a D. Clementina deu um viva á revolução, mas tudo isso era compensado, com os opíparos banquetes que se davam todos os dias ao som da «Internacional». A D. Clementina para melhor compreensão da nova vida fizera-se propagandista doméstica e um dia quando lhe ofereceram um postal com Lenine vestido de bolchevista, quiz pôr em prática a socialização da mulher do que o marido a demoveu socializando-lhe as costelas com duas bengaladas.

O Júlio, o filho do sr. Lopes, êsse estudava para doutor. Deixára crescer o cabelo, ia para o Martinho brincar aos intellectuais e de vez em quando também largava a sua laraclia quando ao jantar a familia falava nos oprimidos e abria garrafas de champagne.

E foi assim que vendo no Augusto da Fundação um camarada ás direitas se realizou naquela tarde o casamento da D. Aurora Lopes.

E o Policarpo, o Policarpo do Sindicato principiou:

— Companheiros e companheiras! Faltaria a um dos mais sagrados deveres se não erguêsse a minha taça (a taça era um copo) em honra dos camaradas noivos! O amor, já lá disse Kropotkine, é a alavanca, o malho e a bigorna, a officina do pensamento da massa anónima proletária! Paz e Amor, Liberdade e Revolução, eis os lemas de sa associação federativa de corações! A burguezia, essa serpente venenosa, essa peçonha clerical, sabe bem que a sua morte está próxima! Mas não importa! Todos os obreiros como um só homem saberão quebrar a grilheta do capital e bomba numa aurora de Paz e Trabalho! Termino, erguendo a minha taça (a taça continuava a ser um copo) com um viva á Igualdade, outro á Revolução Social e um môrra á burguezia!

— Môrra!
E todos á uma começaram:

*Heróis do mar
Nobre povo!*

— Não é isso! Acudiu o Policarpo do Sindicato. E de novo todos á uma começaram:

De pé vítimas da fome!

Mas o peso da comida no estomago obrigou-os a sentar.

— Camarada Lopes — dizia o Augusto da Fundação — a sua filha vai ser a pedra bazilar do nosso triumpho!

— Camarada Augusto — respondia o Lopes — O mundo é dos que trabalham! Vá lá outro copo de champagne!

Altas horas da noite quando no prédio já tudo dormia, em casa do senhor Lopes ia o diabo por causa do seguinte diálogo:

Dizia o Augusto da Fundação:
— O que você precisava era as vendas partidas!

— O camarada, eu não sabia — choramingava o senhor Lopes.

— Fazer-me uma coisa destas a mim, que sou presidente da assembleia geral! Essa porca que não me apareça mais, senão racho-a!

— Vas na Rússia... dizia a medo a D. Aurora.

— Qual Rússia, nem meia Rússia! Você pensa que eu sou dêsse? Quem a socializou que a dessocialise!

LUÍS DE SOUSA

DE CACETE Á ESQUINA

CANTARIDAS E VIOLETAS

Por Albino Porjaz de Sampaio

Duzentas paginas de retalhos de várias cores já postos á venda nas colunas da *Luta*. Algumas já se desfilam á força de uzo. Outros desbotam um pouco para Silva Pinto, Fialho, Schopenhauer, etc., etc., o resto é tudo do autor.

A VOZ DO TRABALHO

Por Feliz Correia

Já conheciamos de ouvido e não gostavamos.

ALMANAQUE PALCOS E SALAS

Livraria Bordaio

Compendio prático para maças familiares e feitos recreativos nos clubs.



LARACHAS DO REIS (PAI)

Representava-se no Theatro da Estrela uma revista que mais tarde passou para o Apolo. Estava com vontade de ver a peça, até que certa noite ai me fui ao teatro em questão. A casa estava fraca comprar bilhete achava um pouco duro, tanto mais que já tinha comprado o bilhete do eléctrico. A campanha começa tocando, e parece que combinado, a chuva começa a cair com tal violência que fui obrigado a insultar-me a mim próprio por não trazer guarda-chuva. Para vêr o espectáculo e para me recolher da chuva, resolvi pedir a entrada de favor á primeira autoridade teatral que passasse a caminho da caixa. Nem uma! E a chuva caia! Então dirigi-me ao fiscal dos porteiros e perguntei:

— O senhor faz favor de me dizer quem dá cá no teatro as entradas aos artistas?...

E o fiscal com certa pose responde:

— Cá neste teatro quem manda entrar os artistas é o contra-regra!

Não quiz ouvir mais. Fui vêr a peça pagando, mas com franquesa achel mais graça ao fiscal.

EDUARDO REIS.



SCENÁRIOS E ÉCRANS

SÃO LUÍS

Cincoenta *Pés de de meia!* O Luis Cardoso até se sente mais novo!

GIMNÁSIO

Há quem afirme que a Empreza nunca mais acorda do *Sonho de um a noite de Agosto*.

POLITEAMA

A *Mulher ingrata* cede terreno ao *Paí Sindo*.

TRINDADE

A *Paz armada* pelo Martins dos Santos é tão duradoura que a Lúcia tem tempo para mudar de pena...

APOLO

O Carlos Leal banza a *Lebre corrida* sempre que a apanha a geito.

OLIMPIA

Dizem que o *Alvo Trágico* é o Petra Viana! Será?

CONDES

O *Anel fatal* continua a ser uma joia de grande valor.

DEPOIS DA GUERRA

Por BENHA COUTINHO

Depois de quatro anos de combate,
De frios, de vigílias, de canceiras,
Voltou o Zé Bernardo às suas eiras
E aos zelos p'la batata e p'lo tomate.

Contava muito e muito disparate
D'envolta com acções as mais guerreiras;
E assim fazia rir as companheiras
E espalhava o seu beijo no remate.

Um dia uma travessa rapariga
Ficou-se mais na lábia e na cantiga
E deu ensejo a nova e linda história...

Mais tarde, vendo-o rir, perguntou séria:
—De que te ris, Bernardo, é da miséria?
—Não, filha! Isto é o riso da Vitória!

NOVO RICO



—O senhor garante que este crucifixo é antigo?
—Tão antigo que se presume ter sido feito antes de Cristo!

ÚLTIMA HORA

O México oferece os seus serviços a Portugal

MEXICO, 29—Urgente (vai por mão própria para ser mais rápido). —
Acabamos de concluir três revoluções de agrado certo. Mandem dizer
se precisam dalguma.—(DIAZ).

AVENTURAS DO CELEBÉRRIMO
POLICIA AMADOR PEDRO JAQUES

Feio BARÃO DE PAMPIRÓLIM

O HOMEM-BALÃO

Pedro Jaques, sentado á sua secretária de cristal, passava a limpo as conclusões acerca do livido crime da Rua do Açúcar. Súbito estrondoso silêncio perfumou o ambiente e a porta do gabinete de Jaques abriu-se com todo o socêgo. Um homem transparente, feito de gaze, taftá e gelatina avança correndo devagar, deixa-se cair em diagonal sobre um sofá de crina de avestruz e exclama com voz de trovão artificial.

—Senhor policia, acabo de perder a fala!

Pedro Jaques deu três saltos repenicados na sua cadeira de tijolo refractário e assobiou as seguintes palavras guturais:

—Apanhei-te cavaquinho!

—Realmente, eu sou o Cavaquinho!

Ao ouvir esta afirmação, o aplaudido policia amador arrancou três cabelos dos sovacos, contou-os sete vezes, multiplicou sete por três, o que lhe deu por acaso vinte e um e perguntou:

—Onde perdeu o senhor a fala?

—Na travessa do Fala-Só.

—E essa fala que traz consigo, de quem é?

—Pedi-a emprestada a um meu visinho que é pregoeiro de leitões.

Pedro Jaques reflectiu seis dias, quatro minutos e dez segundos, e disse prontamente:

—Acabo de descobrir a sua fala! É o senhor, o verdadeiro assassino da infeliz Gustavo da Purificação, a vítima do apreciado crime da Rua do Açúcar!

—É falso!—vociferou o transparente.—É falso o que disseste, improvisada criança!

Puxando uma fumaça do seu charuto havano de picar, Jaques retorquiu:

—O canário que cantou a formidável tragédia está vivo. Quer vê-lo? Venha comigo.

E as pernas do policia puzeram-se em pé. Cavaquinho desparafusou a cabeça, de dentro do esôfago tirou o lenço de assoar, e com voz mecânica fincou-lhe:

—Não vou!

E dito isto aparafusou a cabeça com singular es:certeza. Então deu-se pavorosa scena guignolesca.

Com uma perna ás costas, o detective ferrou-lhe quatro pontapés nos cotovelos. Cavaquinho fez uma vénia, e saiu pela janela, que ficava á direita, elevando-se até ao infinito. Pedro Jaques ficou obtuso, mas, de repente, uma ideia em zig-zag lhe perfurou o juizo.

—Gerardo!—clamou êle.

—Pronto! responderam os lábios de um rapaz muito estreito, tão estreito, que parecia um arame.

—O meu automóvel-aeroplano, depressa!

O arame desapareceu apressado. Jaques vestiu o seu fato de chauffeur-aviador e, tomando lugar no seu extraordinário auto, partiu a toda a brida.

Junto ao céu, Cavaquinho baloiçava.

Depois de ter percorrido a centésima parte de um quilómetro, o carro do bemquisto policia appareceu, com duas azas de morcego em

cada lado, ascensionando vertiginosamente. Já a distância a vender para agarrar o homem-balão, era diminuta, eis sendo quando este, que estava encostado á estrêla polar a fazer um cigarro, se desequilibra e cai dentro do fantástico automóvel. Jaques agarrou-o pela cintura e meteu-o na caixa da ferramenta. Cavaquinho poz-se a cantar e, do mesmo modo e no mesmo tom, uma ave lhe respondeu. Jaques radiante exclamou:

—O canário!

—A testemunha maldita!—disse de si para si Cavaquinho. E deitou um braço para fora da caixa, na disposição de esmagar o pássaro. Entretanto, o argucioso policia tinha posto um comedouro de alpista sobre o volante e a testemunha estendeu o bico. Jaques tomou-a entre os dedos e, colocando um bocado de pez no rebordo do auto-aéreo, prendeu-a. Nisto o terrível Cavaquinho, sem dizer água vai, pregou um valentissimo murro nas ventas do canário. A avesita arrebelhou os olhos e vociferou:

—Ah! chacal, que me esmigalhaste os ossinhos!—e calu cadáver.

Pedro Jaques, furioso, abriu a caixa da ferramenta e espesinhou Cavaquinho. Este, dando uma sonora gargalhada, disse:

—Rala-te! Eu sou como os bonecos de borracha, torno a encher.

O celeberrimo detective persignou-se e afocinhando o seu maravilhoso aparelho procedeu á aterrisagem.

Uma vez em terra, atou um cordel aos pés do feroz criminoso e encaminhou-se para a Morgue. Na meza da anatomia, acabava de ser executada a autópsia, ao corpo de Gustavo de Purificação. O Doutor Cosme e os seus ajudantes estavam hanzados quando na sala surgiram Jaques e o seu balão.

—Ainda bem que chegou!—disse o operador ao policia.—A lingua desta mulher é um caso nunca visto! Tem impressa uma série de palavras em duplicado!

Pedro Jaques, cheio de alegria, replicou:

—Isso quer dizer, meus senhores, que o marido da assassinada está inocente! Este bandido—e Jaques apontou Cavaquinho—é que é o legítimo assassino!

Todos recuaram indignados. O policia amador continuou:

—Este malandrim perdeu a fala e, por conseguinte, está provado que, na ocasião em que praticava o crime, a deixou cair na boca da vítima. A infeliz, possuidora das duas falas, a própria e a dêste canalha, articulou ao mesmo tempo palavras iguais: «Miserável! Miserável! Cobarde! Cobarde! Infame! Infame!». Não será assim?

—E! confirmaram o Doutor Cosme e os ajudantes.

Cavaquinho chorava em altos berros.

—Meu caro Doutor—proseguiu o genial policia—á sua conta eu deixo o maior canibal dos últimos tempos!

E batendo três pancadas no chão, desapareceu pelo soalho.

DEPOIS DA GUERRA AVENTURAS DO CELEBRIMO JOÃO MADOR PEDRO JAQUES SÉCULO XX



JOÃO BARRAGAS

— Ai senhora Júlia! Quem me dera nos tempos em que valia a pena ser-se parteira...